



A eutanásia no judaísmo

O progresso na medicina moderna revolucionou a humanidade no modo como tratamos os pacientes e prolongamos as suas vidas. No entanto, também criou dilemas em muitos casos de pacientes dependentes de sistemas de suporte à vida.

A realidade hoje é que muitas pessoas permanecem vivas em estado de doença terminal, inconscientes, comatosas ou mesmo em “estado vegetativo” por muitos anos.

No passado, muitas pessoas morreriam com intervenção médica limitada. Hoje, somos desafiados em como gerir os cuidados de fim de vida com uma abordagem moral e ética clara que inclui dignidade, respeito, compaixão e ausência de sofrimento.

1. Eutanásia no Judaísmo - Misericórdia ou Assassinato?

A eutanásia ativa é quando um médico facilita a morte de um paciente com uma doença terminal.

Isso pode ser feito através da administração de medicamentos, ou também através da retirada de tratamentos que mantêm o paciente vivo. Muitas vezes, o médico fornece os meios ao paciente, com consentimento da família, ou fá-lo pessoalmente. A esta prática dá-se o nome de “morte misericordiosa”, ou de “morte com dignidade”.

A fé judaica valoriza a vida e sua preservação acima de todos os outros mandamentos da Torá (Bíblia). Apenas três proibições bíblicas não podem ser transgredidas, sendo a morte preferível à sua transgressão:

- Adoração de ídolos
- Assassinato
- Transgressões sexuais bíblicamente proibidas



De facto, o valor da vida humana é absoluto e não relativo ou vinculado a fatores como idade, saúde ou dor. Os Dez Mandamentos proíbem o assassinato, e também existe uma estrita proibição contra o suicídio no código legal judaico.

O judaísmo encara o valor da vida humana como um direito infinito, absoluto e inegociável de todos os seres humanos, que não pode ser revogado por ninguém, incluindo médicos, mesmo com o consentimento do paciente e/ou família.

2. A eutanásia ativa

A eutanásia ativa é o ato de matar outra pessoa que pode estar nos estágios finais da vida, para aliviar a sua dor ou sofrimento. No entanto, esta prática é totalmente proibida no judaísmo.

A morte misericordiosa é considerada assassinio. A nossa religião ensina-nos que os médicos e os profissionais de saúde são abençoados e habilitados para cuidar e curar, mas não o são para tirar a vida a outra pessoa.

3. Eutanásia passiva

O judaísmo também reconhece a necessidade de aliviar a dor e o sofrimento. O Talmude proíbe todos os atos que encurtem a vida, mas também proíbe quaisquer atos que apenas prolongariam o sofrimento e, finalmente, causariam morte.

O rabino Moshe Isserles codificou este preceito no Código da Lei Judaica, no qual estabelece que: *“Se houver algo que cause um impedimento à partida da alma (...) é permitido removê-lo porque não há ato envolvido, apenas a eliminação do impedimento”*.

A medicina e as tecnologias de hoje, que permitem aos médicos prolongar a vida com medicamentos e máquinas que fornecem respiração e nutrição, complicam a praticidade e a logística da aplicação deste preceito.



É a supressão de medicação a um paciente terminal uma aceleração da sua morte, ou é a remoção de um obstáculo para a partida da sua alma?

Há uma ampla variedade de opiniões sobre estas questões. Todo e qualquer caso deve ser cuidadosamente estudado e analisado por uma equipa de médicos, familiares e autoridade rabínica, antes de se dar qualquer ação. Existem, pelo menos, quatro condições antes que qualquer ação de eutanásia passiva possa ser considerada no judaísmo:

- a). O paciente deve encontrar-se em estado terminal, ou seja, esteja em tratamento, ou não, e não seja expectável que viva mais de um ano;
- b). O paciente encontra-se num sofrimento tremendo, e nenhuma terapia médica está a resultar.
- c). O paciente deu indicações inequívocas de que deseja não ser tratado. Se o paciente for incapaz de comunicar, a sua família pode tomar a decisão, com base no que sentem poder ser a vontade do paciente;
- d). Considerando que se verificam as três condições acima referidas, o paciente pode recusar cirurgia, quimioterapia, e qualquer tratamento invasivo doloroso. A maioria dos decisores rabínicos judeus consideraria a alimentação por sonda como tratando-se de cirurgia. Uma pessoa não deve, portanto, ser alimentada à força, ou ser fisicamente condicionada, se todas as outras condições acima se aplicarem.

No judaísmo, alguém que esteja em estado vegetativo permanente, ou persistente, não se enquadra na possibilidade de cessação do tratamento, ou em qualquer outra forma de eutanásia.



COMUNIDADE ISRAELITA DE LISBOA
הקהילה היהודית בליסבון

4. Chaves para compreender o conceito de eutanásia no judaísmo

Decidir a quem pertence o corpo determina se temos o direito de danificá-lo.

A posição judaica é a de que uma pessoa não é dona do seu corpo, recebe-o como empréstimo do Criador por toda a duração da sua vida. Não podemos danificá-lo intencionalmente ou propositadamente causar-lhe dano.

É nossa responsabilidade fazermos tudo ao nosso alcance para mantermos a nossa saúde física.